Cardial Leme

Padre Misael Gomes

Verdade, verdade, foi Leonardo Mota que, na última sessão do Instituto, primeira após o desaparecimento do Cardial Arcebispo do Rio-de-Janeiro, a mim perguntou sobre o elogio deste «a quem me sentia ligado por laços de verdadeiro e profundo afeto»: tenho a honra de repetir expressões que, a seu respeito, quis usar o Exmo. Dr. Getúlio Vargas.

Chegara eu tarde, alheio ao que transcorria no banquete espiritual de meus ilustres consócios.

Entretanto, desembaraçado respondí que os jornais estavam cheios do lutuoso acontecimento, razão de publicarem vastos necrológios do Pastor querido, segunda púrpura da América Latina.

Sexta-feira, 23 de Outubro, assisti às exéquias celebradas pela Arquidiocese do Ceará na igreja do Pequeno-Grande.

Ao pé do catafalco ornamentado de flores, iluminado de círios, e a mitra alvejante sobre estola roxa, o pungir da saudade me fez transbordar reminiscências. Puderam tanto em mim que aquí tenho oblata humilde e reportada. As menores qualidades não chamam a atenção, mas perfumam a vida. Plutarco descobriu nas pequeninas coisas a magnitude de seus heróis; que nas grandes os homens se mostram como lhes convem, nas pequenas como eles são. Oxalá! espertasse eu novo aprazimento, igual façanha. Estou em dizer que uma nuvem sobre a alma cobre e descobre mais a terra do que todas as nuvens do horizonte.

I

Em Roma, 1903, quando lá cheguei, iniciava numa de suas universidades o último ano de Teologia, interno do Colégio Pio Latino-Americano, o jovem brasileiro Sebastião Leme da Silveira Sintra. Era aluno inteligente da Gregoriana, não muito estudioso, mas quase gênio (coisas que se compadecem), e espírito bastante guapo. Obteve no segundo doutorado a nota *fere cum laude*, quase com louvor, o que deveras não constituia resultado somenos.

Dava sota e ás no recinto do Colégio, fino e lépido nas encenações de nosso teatro, rèpresentações, assim como, apenas minorista naquela época, lhe coube, pelo turno de alunos, acolitar algumas

vezes a missa da comunidade e outros ofícios no seio da família americana, onde somente os brasileiros falávamos a lingua de Camões.

Cada quinzena, comparecíamos à Academia Portuguesa "B. Inácio de Azevedo", presidente o jesuita Padre Francisco Rodrigues; varão de muitas letras, agora escritor da Companhia, assiste em Lisboa.

Não esqueço, sem embargo do transcurso de pouco menos de quatro décadas, Leme na defesa do *Brasil* com *s*, apoiado pelo nosso Presidente, acérrimo, genuino lusitano. Seu espírito, creio que ele já o tivesse atento à harmonia e beleza de problemas superiores; era combustivel de arder e brilhar, tenacíssimo.

Na solenidade da distribuição anual de prêmios, com a presença do Cardial protetor Vives y Tuto, alem de prelados sul-americanos, de ministros plenipotenciários junto à S. Sé ou ao Quirinal, foi Sebastião Leme o primeiro orador, discursando com relativa habilidade e fazendo sobressair, não posso mais atinar ao fundamento de que propósito, a figura de Bartolomeu dos Mártires, estudada pelo clássico Frei Luiz de Sousa. A oração do jovem patrício mereceu destaque do cardial espanhol, que encerrou o festim, o ágape juvenil, o serão lítero-musical, com palavras estimuladoras de nossas verdes almas.

Paulista, da cidade do Espírito-Santo-do-Pinhal (20 de Janeiro de 1882), foi estimadíssimo quer dos conterrâneos do Brasil, todos irmãos, quer, em suma, da comunidade em peso. Os quatro cearenses estudantes o incorporámos à nossa "colônia" quando da visita de S. Excia. o Sr. Barão de Studart, com os três filhos, à Cidade Eterna, ao Colégio Pio Latino.

Eduardo Nabuco de Araripe recebera o sacerdócio; Tupinambá e eu devíamos ajudar-lhe a missa na basílica de Santa Maria Maior, presbítero assistente Raimundo de Oliveira, oriundo de Pedra-Branca no Ceará, vigário-geral hoje no Amazonas; já uma vez, comigo, visitou o Instituto. Luiz Gonzaga, depois monsenhor e vigário da Glória, a mais importante freguesia do Rio-de-Janeiro, há meses falecido, então morava em casa de reverendo Cônego, pertencente ao Cabido daquela tradicional Igreja. A despeito das normas colegiais miudas e proibitivas, a colação depois da missa nova, regalada de doces, licores e ótimo chocolate, fomos saborear na residência do Cônego; por que do "contrabando", da falta de disciplina que cometíamos, estávamos defesos à conta da influência dissimuladora, camaradesca, do aluno de mais prestígio ante o reitor caturra Luigi Cappello: era nosso conterrâneo Sebastião Leme, naquela época, prefeito da Divisão dos Filósofos no Pio Latino. Ele havia ainda de dar muito de si.

Quis o Reitor escolher-me para função de confiança entre meus colegas universitários e sul-americanos como eu. Noviço e inexperi-

ente, me sentia inliçado noutras terras e sob outros céus; metia-me só comigo, quando o Superior me falou. Ora, Leme tivera a incumbência de decidir da minha capacidade. Ganhei a investidura: muito espinho e nenhumas flores. Preciosa, sobretudo, foi a opinião por mim e para mim lisonjeira do futuro Cardial do Brasil.

Au banquet de la vie à peine commencé,
Un instant seulement mes lèvres ont pressé
La coupe en mes mains encore pleine.

II

Laureado doutor em Filosofia e Teologia, o padre Sebastião Leme volta em 1904 ao seu estado natal. Pela metrópole baiana, um sacrista da terra opôs-lhe embargo ao desejo de celebrar o Santo Sacrifício, ante a omissão, muito a seu salvo, involuntária, de formalidade qualquer. Estranhou, já pela Pátria a dentro, o episódio e mandou-o dizer, entre várias e diferentes novas, na primeira carta, matadora de saudades, aos companheiros do romano Colégio.

Após mais de lustro, agora é que são elas, eu o encontrava Pro-Vigário Geral em S.-Paulo, lente de Filosofia na Faculdade anexa ao Seminário, diretor espiritual do Colégio Diocesano. Ainda regeu a cadeira de Teologia Dogmática, e foi cônego desde 11 de Fevereiro de 1907. «Quanto mais encargos lançados aos ombros de um ministro de Deus, esteve a dizer uma vez o Cardial Leme, tanto melhor deles se desempenhará o mandatário»: sensata reflexão, que revela do seu autor alentos para grandes e pertinazes esforços. Erra quem mede os dias pelas horas que passam. Os dias medem-se por aquilo que se faz.

Leme, Pro-Vigário Geral da sua Arquidiocese, com poderes ordinários de Vigário Geral (5-2-1910), homem de truz, a pesar do afogo de trabalhos foi quem me dispensou, em nome de todos os outros irmãos paulistas, a hospitalidade carinhosa, ao ponto de escrever no Boletim Eclesiástico, sob o pseudônimo *Senex*, artigo aforador da minha humildade, com o título "Oiro sobre azul". *Post factum*, julgo-me com direito de trocar as miras, para dizer que o oiro de suas virtudes e de seu talento é que rebrilhou deveras em campo azul de sublimados destinos . . .

Combinamos visitar, juntos, a cidade-berço do regente Feijó, cidade de Itú, onde devia, convidado que fora Monsenhor Leme, devia comparecer a determinada cerimônia; porem as circunstâncias contravieram e se me desferrou a monção.

Mas testemunhei o seu desempenho na Cúria da gloriosa Paulicéia, a salientar-se já então no sólio arquidiocesano D. Duarte Leopoldo e Silva, o ungido de 22 de Maio de 1904, a cujo ato pon-

tifical, este, assistí. bem como tambem o Leme ainda em Roma. Ora, quanto zelo não dispensou o jovem sacerdote à causa da boa imprensa! a se confidenciar com Amadeu Amaral sobre o diário católico *Gazeta do Povo,* do qual foi o 1°. diretor, e ajudando, no possivel, ao veneravel Arcediago Dr. Francisco de Paula Rodrigues, o famoso *Padre Chico,* de quem há referências acentuadas na biografia do vate baiano Castro Alves, que foi tambem estudante da Faculdade de Direito em S.-Paulo. Afrânio Peixoto menciona, como um dos angélicos amigos de Castro Alves, aquele que foi depois Arcediago, sem nunca deixar de ser o querido *Padre Chico* . . .

Grande o alvoroço do coração que se embala na esperança, do orador sacro de mavórcio aprumo que foi Monsenhor Leme, de quem apanhei um dos seus primeiros e raros discursos impressos, ele mo ofereceu, pronunciado na benção da pedra fundamental da nova igreja de Santa Ifigênia, vigário alí seu colega de estudos cônego José de Melo, depois secretário particular do Cardial, até a morte deste.

Na voz clara, sonora, ardente, larga, extensa
Escada de Jacó — prendia a terra aos céus.

XXX

Fui coadjutor na Matriz de S. Joaquim, da Arquidiocese carioca, pelos começos do meu sacerdócio, ao tempo em que (24 de Maio de 1911) a Santa Sé elegia Sebastião Leme bispo titular de Ortósia e auxiliar de Sua Eminência o Cardial Arcoverde, generoso protetor e seu devotado amigo, Pontífice do qual tambem recebera eu, 28 de Outubro de 1908, a ordenação do subdiaconato.

Com feitiço espanto, não tardei assistir à passagem pelo Rio daquele que devia sagrar-se na vetusta cidade de S.-Pedro, sede do Vigário de J. Cristo (4 de Junho de 1911), pelas mãos de S. E. o Cardial Arcoverde. Ora adeus! já o eleito fora convidado e mo revelou desde a minha primeira visita a S.-Paulo. É de saber que o futuro pertence aos homens enérgicos e de convicções profundas.

Na sua volta definitiva, 4 de Novembro de 1911, ainda velho edifício era palácio do 1°. Purpurado da América Latina, no morro da Conceição. Foi alí que me encorajou o jovial Antístite e me fez pedir a respectiva licença cardinalícia para eu rever a terra natal.

Por que assim como a agulha busca o Norte,
Busca a pátria o que dela vive ausente.

(Camões)

Um desconto só me agorentou este prazer, o embaraço da mal ensaiada cerimônia, o constrangimento no tratar com toda a cortesia, — no dizer "Vossa Excelência" — ao novo bispo eleito, sagrado, outrora amigo, colega e quase irmão.

Passam os anos. Transferem-no, 25 de Abril de 1916, para a Arquidiocese de Olinda de heráldicos brasões, a terra de D. Frei Vital Maria Gonçalves de Oliveira, bispo-martir na demanda episcopo-maçônica de 1872 a 1874 e, mais tarde ainda, sólio de D. Luiz Raimundo da Silva Brito, um dos máximos oradores do Brasil católico.

«Tudo o que nasce do trabalho é bom. Tudo o que se amontoa pelo trabalho é justo. Tudo o que se assenta no trabalho é útil» (Rui Barbosa). O trabalho é amargo, mas seus frutos apraziveis. A golpes não só de talento senão tambem de estudos e de notaveis esforços, o novo Arcebispo pernambucano, desde a posse solene a 17 de Agosto de 1916, deu revérberos novos ao desempenho do elevado munus. Que o Leme era boa cabeça, no olho tinha lume, e prelado exemplar, lá isso era, não tem dúvida! O lema do seu brasão — *Cor .unum et anima una* — um só coração e uma só alma, praticamente veio a dizer: «Tudo vive do amor, o amor é vida.» O amor, como o Sol, fecunda.

Nos primórdios da nova incumbência, dignou-se, aos cumprimentos, responder-me de maneira cativante: «Dom Sebastião Leme ao seu inesquecivel Misael . . .» Naquela altura, e não tinha o aspeito severo, ao número pertencia dos «que, embora elevados, não se perdem pelo orgulho nem se exaltam pela vanglória».

Escoados cinco anos, vai de novo a Santa Sé o transferiu para o Rio-de-Janeiro (27 de Abril de 1921), Arcebispo titular de Farsália, Coadjutor, com plena jurisdição e direito à sucessão, do Exmo. Cardial Dom Joaquim Arcoverde.

Dos esplendores da nova Sede, só uma vez pude abeirar-me, e encontrar de rosto o eminente dignatário, isto mesmo em Petrópolis, que ele buscou todos os anos a fim de repousar-se e cobrar-se de cansaço. A luta é vida para o homem forte. Por esse andar, nem tudo é fortuna e riso nos paços.

Junto às tarimas do guarda, a famulagem da "vila" arquiepiscopal entendeu embargar-me a audiência. Ante seus dares e tomares comigo, insisti, sobrestive na oportunidade que se me ocasionou de molde a agradecer ao ínclito Chefe espiritual sua intercessão, rogada e efetivada, junto aos poderes supremos da República, em favor de numeroso grupo de alunos do Colégio Militar de Fortaleza. Até aos ouvidos do secretário Monsenhor Melo chegou minha voz assomada e decisiva.

Ainda bem que o Arcebispo, com toda a cordura, olhos vivos através das lentes, rosto largo, moreno, brando, desbotado pelo fogo

da labuta, abriu-se, palavreou alegremente, brincou e se gozou de meu título: Tenente-coronel do Exército, professor militar, na ocasião a maior patente do clero brasileiro. Pediu-me informações várias . . . de que se pôs à escuta. Ele tinha receita bastante experimentada para a todos desempeçar a lingua, tanto que descreveu um dos nossos maiores jornalistas: «A gente chegava pequenino, tímido, hesitante a seu lado. Falava-lhe; ouvia-lhe a palavra de comando e o toque de sentido e de marcha. O porta-estandarte logo aumentava o nosso poder de expressão, nossa reserva de vontade, nossa capacidade de energia.»

Depois, em seu próprio automovel, à hora da despedida, com gesto de muita contemplação por mim, mandou-me deixar à estrada de ferro, à estação daquela cidade serrana.

Daí por diante trocamos lembranças em aniversários de seu natalício, por ocasião do cardinalato (Junho de 1930), dos 25 anos de seu episcopado. Nunca me deixou sem alguma lisonjeira resposta. «Sua Eminência foi o mais simples dos chefes, paternal e amigo.» Ainda por último, em 1942, recebí expressões de carinho ou recados de sua parte, como por intermédio de Helder Câmara e José Bruno, sacerdotes, diretor o segundo, da instrução pública de nosso estado. O primeiro era de opinião que eu agradecesse, e fí-lo com o seguinte telegrama:

— Exmo. Cardial Leme. Rio. Agradeço lembranças cujas foi portador padre Helder Câmara. Beijo sagrada púrpura. (a.) Padre Misael Gomes.

Soube, já depois de sua morte, que este telegrama ainda comunicara ao padre Helder.

Ele não esquecia ninguem, e sabia-o fazer. A fortuna não põe um homem em tal altura que não precise de algum amigo (Sêneca). Não se pode fazer bem a todos, mas a todos se pode testemunhar benevolência.

Cardial presbítero do título de SS. Aleixo e Bonifácio, o mesmo título do Cardial Arcoverde, a quem sucedera no Arcebispado desde 18 de Abril de 1930, D. Sebastião Leme o chapéu e anel cardinalícios, teve-os a 3 de Julho daquele ano, pontífice S. S. Pio XI. Foi-lhe dado sufragar, no derradeiro conclave, o nome de seu amigo Cardial Eugênio Paccelli, papa Pio XII, gloriosamente reinante.

Tambem sabia querer. Tanto assim que, numa das bulhas de tentativas pro-divórcio, peremptoriamente: «Em favor da indissolubilidade da família cristã, — disse — sacrificarei o último cartucho!» Deste modo a glória é como a rosa, aroma e espinhos. À dele tambem não faltaram acerbos espinhos. Nada obstante, triunfam as idéias mais do que as armas.

Importantes condecorações possuiu, já do Brasil já do estran-

geiro: grã-cruz da Ordem Militar de Cristo, grã-cruz da Legião de Honra, grã-cruz de SS. Maurício e Lázaro, do Vaticano, cruz da Polônia Restituida e grã-cruz do Mérito Libanês.

Contudo, não é do foro dos homens entender nos desígnios da Providência. Ai de nós! imensa consternação produziu o infausto evento, o óbito de 17 de Outubro de 1942 (pelas 17 horas e 15 minutos) no palácio S. Joaquim da Capital Federal. O fim do homem no mundo é a perfeição, cada qual com a sua tarefa; há, porem, um termo para tudo e para todos.

Ao Vigário-Geral do Rio-de-Janeiro, hoje Vigário Capitular, *sede vacante*, Monsenhor Rosalvo da Costa Rego, telegrafei, a verter lágrima saudosa sobre o coração amigo do Pastor eminente, egrégio Purpurado. As dores guardadas doem mais do que as outras.

. . . quem é que não sabe
numa lágrima sentida
aliviar-se da vida
que pesa no coração?

(Tobias Barreto)

IV

«Muita coisa, muita mesmo, teremos que dizer do nosso cardial, confessou Tristão de Ataide. Muitos são os recantos desta vida que terão de ser investigados. Humano como era e humano por que vivia a cada momento a vida da graça — acrescentou o publicista — tinha o dom de lidar com os homens.»

Tambem Ribeiro Couto escreveu: «As virtudes, a vida e as obras do nosso amado arcebispo ainda hão de inspirar muitos livros.»

Pelo noticiário da imprensa, soubemos «que toda a população carioca, por intermédio de todas as classes, prestou sua última homenagem ao ilustre morto».

Do meio cearense surgiu uma voz que pode exclamar: «O Brasil agora está sem leme.»

Formai em sombra uma idéia das virtudes, do arnês de seu talento, obras e méritos incontestaveis, «a alma pulcra, tocada da perfeição que nimba os horizontes longinquos da eternidade». A chusma dos indivíduos pode esquecer, porem a Igreja não o esquecerá nunca!

Atroados de tempestades os dias que correm, o Exmo. Sr. Presidente da República confessou: «A Igreja perdeu um grande prelado, grande amigo de seu povo e grande patriota.» Todos vieram nisto. Sim, «O Brasil na Igreja, tal o lema de que se constituiu arauto».

Por isso, a mais nobre e veneranda sociedade cearense, o Instituto, fiel ao seu dever, aceitou, consignou em ata o voto de Plácido Castelo, enviou condolências à Autoridade competente, à Cúria do Rio-de-Janeiro: no que consistiu nossa primeira homenagem a quem soube altear-se em dignidades, elevar-se em merecimentos e granjear o Panteão da História, pois o trânsito desta vida para melhor acaba de sagrá-lo *ad immortalitatem.*

Morrer assim é viver mais . . . A vida terrena brilha e passa; a glória superior resulta da que houvermos dado a Deus aquí na terra. Não se perde, diz S. Agostinho, aquele que se ama em Aquele que não se pode, não se deve perder. Entendo que a vida chega a tornar-se doce, porem, como agua do mar, todas as vezes que se eleva para o céu.

Fortaleza, 4 de Novembro de 1942.